



RELEITURAS E INCLUSÃO SOCIAL

REREADING AND SOCIAL INCLUSION

Heleusa Figueira Câmara¹

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Brasil

Resumo

A caminhada possível da educação cultural e criativa nas prisões implica discutir a política do encarceramento em nome da lei, que se diz igual para todos e estabelece o castigo e o controle, como forma de normalização de condutas. Os diferentes sentidos provenientes dessas múltiplas interpretações entrecruzam-se, distanciam-se, somam-se a depender das sensações de perceptos e afectos, ao usar conceitos de justiça e paz social, para referendar injustiças sociais, (re)classificando pessoas para a exclusão. O incentivo à leitura e à escrita nos espaços carcerários tem propiciado aos prisioneiros a expressão do passado, da história que não foi contada no processo por ser vista como irrelevante, fazendo germinar o que fica no esquecimento - a luz de cada ser humano sobre a face da terra. Na condição de dupla autoria: do crime e da escritura, o prisioneiro tende a escrever sobre si, numa escrita para o outro, como espaço de releitura e de potencialidades.

Palavras chaves: Prisão; narrativas; leitura e escrita; inclusão social.

Abstract

The possible journey of cultural and creative education leads to a discussion of the policy of imprisonment under the law, which law is said to be equal for all and which establishes punishment and control as a means of normalizing behavior. The different senses derived from these multiple interpretations overlap each other, distance themselves from each other, or combine with each other, depending on the sensations of percepts and affects, by using concepts of social justice and peace in order to endorse social injustices, (re)classifying people for exclusion. Encouraging reading and writing in prisons has provided inmates a way to express their past – their stories that were not told during the legal proceedings because they were seen as irrelevant – a circumstance facilitating the germination of that which had been doomed to oblivion – the light of each human being on earth. In double authorship – of the crime and of the

¹ Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005). Professora titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB no campus de Vitória da Conquista, Bahia. Coordena o Núcleo Letras de Vida: escritas de si que incentiva a escrita criativa e literária em presídios, e junto a trabalhadores rurais, e prestadores de serviços informais. Atua principalmente na investigação de materialidades discursivas ligadas aos seguintes temas: escrita popular, reverberações da mídia, leitura e interpretação. E-mail: heleusacamara@gmail.com



writing – the prisoner tends to write about himself, a writing for the other, as a space of rereading and of potentialities.

Key words: Prison, narratives, reading and writing, social inclusion.

RELEITURAS E INCLUSÃO SOCIAL

*Ai, palavras, ai, palavras, / que estranha potência a vossa! (...)
Sois de vento, ides no vento, / e quedais, com sorte nova!*
(Cecília Meirelles)²

Há vinte e três anos venho trabalhando com programas de incentivo à leitura e olhando para trás estanco em 1989, na Casa de Detenção de Vitória da Conquista, no estado da Bahia. Essa prisão, hoje desativada, tornou-se para mim um ponto indelével de leituras e releituras desdobradas das cidades, e suas culturas de exclusão social. Desse tempo guardei histórias, vozes gravadas, manuscritos e tudo reverbera em modulações alegres de conversas outras, que não das razões do encarceramento. Um tempo de conversações, comentários, escritas, leituras, lembranças, expectativas no devir, e muitas amizades construídas que dispensam explicações.

A partir dos escritos que recebia para datilografar, e de algumas surpresas como a leitura de um cordel pornográfico e uma conversa franca sobre escolas literárias, escolhas e liberdade de expressão, iniciei na Casa de Detenção em 1990 o projeto de incentivo à leitura e a escrita “*O buraco da fechadura: discursos prisionais.*” Em 1992 a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB estabeleceu uma parceria com o Programa Nacional de Incentivo à Leitura da Fundação Biblioteca Nacional e surge o Comitê Proler/UESB. Como coordenadora desse comitê, busquei fortalecer as ações de iniciação à educação cultural-literária na Casa de Detenção com o *Proler/Carcerário*. Em 2000 o programa foi ampliado e renomeado *Letras de vida: escritas de si*, por ter aberto as portas para outros néo-escritores populares. Todos os textos aqui apresentados estão devidamente autorizados para publicações e encontram-se disponíveis para pesquisadores no Museu Literário Profa. Amélia Barreto de Souza, Comitê Proler/UESB de Vitória da Conquista, Bahia³. Os textos desses néo-escritores tomaram caminhos diferentes daquele tempo de apresentações, representações e experimentações. Textos que correram trechos, voaram além das grades e estão a propiciar inclusões sociais aos seus autores, em seus espaços de vivência. Novas folhas corridas, outras autorias.

² Cecília Meireles. Romanceiro da Inconfidência Romance LIII ou Das palavras aéreas.

<http://www.algumapoesia.com.br/poesia3/poesianet278.htm>

³ Comitê Proler/UESB de Vitória da Conquista, Sala de Leitura Íris Silveira. Setor Pró Memória. Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima. V. da Conquista, Bahia, Brasil. 2012.
prolervc.blogspot.com E-mail prolervc@gmail.com



Tenho buscado aprender a ler e a reler textos escritos por prisioneiros em diversas modalidades: cartas para familiares, advogados, juízes, autoridades políticas; letras para canções esperançosas de virem a ser escolhidas por bandas de sucesso; relatos da vida, desabafos, escritas de si. Escritas quase sempre permeadas por pedidos de liberdade e promessas de vida nova. Registros desconsiderados por muitos, inspecionados, escrutinados porque podem indicar estratégias para fugas e outros planejamentos de riscos para a sociedade. Esses textos ainda me ensinam a ler e a reler preconceitos e juízos que temos cristalizados dentro de nós mesmos, e a pensar que a “espécie de discurso, o contra discurso expresso pelos prisioneiros, ou por aqueles que são chamados de delinquentes” se sobrepõe pela importância, a tantas teorias sobre a delinquência, como diz Foucault (1979, p. 72).

G. S. foi o primeiro néo-escritor que conheci na Casa de Detenção em 1989. A cidade parecia vê-lo como um renegado; era desprezado pelos companheiros de cela, e até pela família que se recusava a visitá-lo. Aos dezoito anos infringira o art. 213 do CPB (Código Penal Brasileiro), e fora condenado a vinte anos de reclusão. Rapaz bonito e forte, estatura mediana, moreno claro, fisionomia leve e risonha, tatuagens no peito e nos braços. Conversava alto em tom de provocação e desafio, não se preocupando em que o ouvissem. Dizia que, ao sair da prisão, voltaria a roubar, pois não se submeteria ao salário mínimo do país, e porque aos 40 anos já seria um velho. Durante a festa do Natal de 1989, chamou-me para que conhecesse sua companheira e sua filha recém-nascida; pediu-me que lhes desse uma carona e conseguisse uma autorização para telefonar para sua mãe. Contou-me que fazia poesias. Não consegui a autorização e fiz a ligação telefônica. Fui atendida por uma vizinha que se prontificou a ir chamar a mãe dele. Ao retornar, disse-me que a mãe sofrera muito com esse filho rebelde, que era humilhação demais saber que ele estava preso, quanto mais ir visitá-lo. Não tive coragem de dar o recado a G. S. e amenizei a resposta: Ela não poderia vir.

Em janeiro de 1991 ocorreu uma fuga na Casa de Detenção e o Renegado drogou-se tanto com Rophinol⁴ que, segundo depoimentos dos detentos, não quis sair pelas portas abertas, andou pelos muros altos da Detenção e saltou para o terreno ao lado. Morreu pouco tempo depois, crivado de balas durante as operações de captura. Debaixo do seu colchão estava o seu caderno esgarçado, que me foi entregue, sob o olhar reticente dos companheiros de cela. Os versos escritos guardavam o eco dos seus sentimentos:

Onde tudo vai, onde tudo volta / num só sentido. / Sentido é este que só tem amargura, / onde o homem vive como um leão / preso em quatro grades de fogo. / Isto é um simples destino / onde a água se transforma em sangue ardente. / Mas, isto tudo passa num simples templo do além. / Por isso digo a todos / a liberdade não morrerá / enquanto o homem não morrer por ela

⁴ Medicamento indutor do sono. (Nota do Editor)

./ Juntos venceremos os obstáculos da vida / dentro de uma simples prisão / onde vivemos como homens sem futuro / mas esperando pela liberdade. (G. S.1991)⁵

Em 1994, uma professora me entregou a redação de D. S. aluna do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Adélia Teixeira. Reverberações da história do Renegado compõem a redação de D. S., que no texto assume a escrita na 1ª pessoa, adota o gênero masculino e assume a autoria do delito numa confissão pública.

(...) No momento me encontro em uma casa de detenção aqui em Conquista. / Divido a cela com quatro detentos. / A cela é horrível, fede, é muito suja. Aqui dormimos no chão, a noite aqui faz muito frio, pois as grades ficam abertas porque não podemos tapá-las com panos, pois eles não deixam, porque eles ficam de guarita observando tudo o que se passa aqui dentro. / Passei minha infância em Salinas onde nasci na cidade de Minas. / Não tinha carinho de pai, fui criado na rua roubando. / Nunca conheci a felicidade. / Aqui onde estou só conheço o lado ruim da vida, passo fome e sede de amigos. (...) Não tenho amigos, você pode me perguntar por que estou aqui, você acha que eu escolhi a vida que levo ou levei. / Sabe como vim parar aqui? (...) mas o que me doeu mesmo foi o arrependimento. / Mas tenho fé em Deus que um dia sairei deste lugar sujo. / Se eu pudesse eu mudaria neste mundo o abandono e o descaso que as pessoas fazem do moleque de rua. “Pegadas tristes” (D. S. 1994)⁶

A dúvida se estabelece na escrita do acontecimento. O nome, a alcunha do prisioneiro, a prisão, a condenação conferem com as de G. S. O texto é fechado com o emprego da metáfora *Pegadas tristes* e a pergunta fica solta entre conjecturas e julgamentos de outros leitores. Teria a referida aluna conhecido G. S.? O que a teria motivado a escrever o texto usando o pronome da primeira pessoa para contar, recontar, confessar e expressar o arrependimento? Quatro anos eram decorridos do acontecimento, e três anos da morte do prisioneiro. Esse relato, embora diferente nos autos, é uma história reescrita, uma redação escolar que prepondera como verdade para muitos. As leituras possíveis apontam que mesmo “(...) dentro de uma simples prisão / onde vivemos como homens sem futuro / mas a espera da liberdade,” (G. S. 1991), a esperança de (re)inserção social está presente nos textos de três leitores diferentes: o jovem prisioneiro, a jovem estudante e a pesquisadora que se debruça nas lembranças desse tempo. Fica o índice cristão da

⁵ Caderno de G.S. 1991. In: Proler/Carcerário. Museu Literário Profa. Amélia Barreto de Souza. Arquivo do Programa Letras de vida: escritas de si. Comitê Proler/UESB de Vitória da Conquista, BA.

⁶ Redação de D. S., 1994. In: Proler/Carcerário. Museu Literário Profa. Amélia Barreto de Souza. Arquivo do Programa Letras de vida: escritas de si. Comitê Proler/UESB de Vitória da Conquista, BA.



existência terrena entre o pecado, o castigo e a remissão. “*Pegadas tristes*”... Quantos visitantes das quintas e domingos à Casa de Detenção terão conversado com G. S.?

Os discursos utilizados para reforçar as construções de verdades que qualificam os papéis dos sujeitos que falam são ritualizados no próprio sistema de ensino pela palavra. “Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo.” (FOUCAULT, 1996a, p.44) O sistema escolar, sacralizado pela nobreza e pureza de propósitos, único espaço capaz de salvar a humanidade pela educação, pela produção de conhecimento, usa dos mesmos instrumentos classificatórios de apontar o melhor e o pior, de agregar e de excluir, de escalonar valores, de criar códigos regulamentadores. Evidencia-se “um saber que nasce da observação dos indivíduos, da sua classificação, do registro e da análise dos seus comportamentos, da sua cooperação” (FOUCAULT, 1996b, p.121). É um saber sobre os indivíduos e suas características.

A sociedade em que vivemos busca a transformação dos indivíduos traçando caminhos cujos percursos implicam obediência ao roteiro e para que elas se concretizem, mister se faz vigiar, buscando a formação mediante mecanismos de punição, recompensa para o controle. Com a criação de estruturas de vigilância em que os indivíduos que nela entram, aparentemente, têm uma necessidade comum: tratar o corpo e o espírito (orfanatos, escolas, hospitais, manicômios, asilos, prisões) vão sendo formados grupos que mutuamente se espiam. O princípio da vigilância e controle se estabelece de parte a parte: corpo administrativo prisional e prisioneiros.

Em 1991 o caderno esgarçado de G. S. marca o início do arquivo do Proler/Carcerário, e as escritas que surgem depois continuam a contar histórias semelhantes, fazem pensar no *continuum* impiedoso de acontecimentos que se repetem com tantos jovens em instituições que estão a se reinventar, buscando o que fazer.

Em 1992 conheci Hélio Alves Teixeira e seus primeiros escritos na Casa de Detenção estão voltados a comentários sobre a corrupção e a impunidade que o dinheiro confere a muitos, cujos delitos persistem ao longo dos anos sem reparações, à espera do esquecimento da sociedade. Após a escrita do cordel, das letras para canções, parte para a autobiografia romanceada que dá origem ao livro *Ventaneira uma história sem fim*. Mergulhado nas lembranças do tempo de liberdade e cheio de saudade, constrói o poema *Águas nascentes*, em 09 de janeiro de 1995, no Presídio Regional Nilton Gonçalves, uma paráfrase à saudade presente em *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias.

(...) Aqui vivo eu, cansado, humilhado e deprimido; / Mamãe, papai, irmãos, filhos, amigos... / Com a idade avançada, com os ossos enfraquecidos, / a velhice me consome, não sou mais aquele homem, / forte e disponível. / Muitas rugas, há no meu rosto; / meus cabelos embranquecidos... / Me tornei uma pessoa, desprezada e desvalida, / à vigília da polícia,



condenado por um juiz. / Ah! se eu pudesse voltar, lá na terra onde nasci, / ver as águas cristalinas e poder ouvir / aquelas melodias, dos cantos das juritis. (TEIXEIRA, 1995, p.16)

Em 2013 o verbete que se pode escrever sobre o néo-escritor Hélio Alves Teixeira é uma nova folha corrida. Hélio Alves Teixeira nasceu em Macarani, Bahia em 17 de abril de 1954. Lavrador, pedreiro, motorista, escritor, poeta, cordelista, compositor, contador de histórias, palestrante, amigo do Proler/UESB e corretor de imóveis. Participou do Programa Proler/Carcerário no Presídio Regional de Vitória da Conquista, Bahia. Em 1995 recebeu a Menção Honrosa no 2º Concurso Histórias de Trabalho, promovido pela Coordenação do Livro e Literatura - Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre/RS, com as crônicas: *As Prendas de Mamãe, Mão Branca e Peludo, e Terras Alheias*. Em 1996 publicou "*Ventaneira: uma história sem fim*" pelo Proler/UESB, Vitória da Conquista, Bahia, tendo sido reeditado com o apoio da Universidade de Taubaté (UNITAU), em Taubaté, SP. Em 1999 tornou-se Membro do Conselho da Comunidade da Comarca de Taubaté, SP. Em 2001 publicou *História das Matas Verdes: A Festa Misteriosa* (Literatura Infante Juvenil); e em 2010 concluiu o romance *Fugindo do Inferno* (no prelo). Em 2011 participou da Bienal do Livro na Bahia a convite do Secretário de Cultura do Estado da Bahia Prof. Dr. Alvino Rubim. Um fragmento do seu livro *Ventaneira: uma história sem fim* foi publicado em espanhol, na revista DECISIO⁷.

A perplexidade que sente diante da corrupção e da impunidade assegurada aos poderosos estampa a prisão como espaço corretivo só para pobres. Como ex-presidiário confronta a situação pessoal e a de tantos atores sociais, que ao ocuparem cargos representativos em gestões públicas ou privadas, cometem abusos administrativos, desviando verbas em proveito próprio ou de grupos organizados que, raramente, são revelados como criminosos, escapando das penalidades legais, através do prestígio e do dinheiro. Descrente da justiça e da sociedade registra nas cartas o seu protesto:

Quando o homem pratica crimes não pode conviver com a comunidade, por isso será punido, ficando privado de sua liberdade num cárcere, por um tempo determinado pela lei. Mas nestas circunstâncias, quase toda justiça trabalha ilegal, sendo que a lei foi criada para punir todos os culpados, mas infelizmente não é assim. Diz um ditado que "nas costas do calango lagartixa bebe água." Assim é o povo, quando os pobres erram, vão pra cadeia, o dinheiro cobre as transgressões dos ricos. Ouvei contar que em vários lugares do mundo, até entre a nossa justiça superior, cometem corrupção, coisa feia. (...) Então quando os pobres infelizes caem nas mãos dos homens da lei, sem dinheiro, ainda que eles não

⁷ TEIXEIRA, Hélio Alves. *La Costurera*. DECISIO Saberes para la action em educacion de adultos. Revista cuatrimestral, enero-abril 2008. ISSN 1665-7446. Pátzcuaro, Michoacán, México. Version digital: <http://decisio.crefal.edu.mx>. E-mail: helioalves-escritor@hotmail.com



tenham bronca, são obrigados a confessar o que não fizeram, debaixo de pau. (TEIXEIRA, 1999)⁸

A visão de Teixeira é crítica em relação às classificações histórico-posicionais e às barreiras que a sociedade vaticina aos ex-presidiários. Sentimentos diversos, explosões contraditórias. Como pensar, portanto, na reinserção do prisioneiro ao convívio social? Para que servem e a quem interessam as prisões são perguntas que devemos procurar fazer a nós mesmos.

Digo isto porque quando eu me encontrava escrevendo o meu livro no cárcere, guiado pelo Profer Carcerário, todos me viam com olhos diferentes, cheguei até a pensar que a minha vida mudaria por completo devido eu ter saído do presídio com um nome. No começo eu achei que a cultura não fazia acepção de pessoas mas hoje eu vejo, em muitos olhares, a discriminação, só porque eu sou em escritor descoberto num presídio. Taubaté, 30 de dezembro de 1998. (TEIXEIRA, 1998)⁹

Ventaneira: uma história sem fim é um livro que marcou o início de nova etapa em sua vida. Seu livro é um passaporte para as instituições de ensino e as universidades que o amparam em programas de extensão.

Ao sair da arena/prisão, Hélio, o andarilho, encontra outras prisões que lhe acompanham além dos muros e das grades. Nessa caminhada pela vida a fora, com a liberdade vigiada, quase sempre confessa o arrependimento, revelando a culpa, a fim de que algumas portas se abram para o seu pão nosso de cada dia. Precisa clamar a Deus que, em sua distância, torne-se a única testemunha que lhe parece incontestável, e que pode olhar seu coração. (CÂMARA, 2001, p.237)

Cristão, abraça a fé, convicto da necessidade de purgar os pecados que sua religião preconiza, buscando ser cada dia mais solidário com os semelhantes, como cidadão ciente de seus direitos e deveres para com a sociedade. A amizade que tenho por Hélio foi construída na escuta e leitura de seus escritos e perdura até hoje. Sinto uma alegria muito grande quando o vejo convidado por instituições que discutem as questões de educação em prisões e os problemas de inserção social dos egressos de presídios.

A correlação estabelecida para os justos propósitos da prisão é como um fosso abissal de separação da ordem sobre a desordem e de dominação do bem sobre o mal. Na prisão o poder não precisa de disfarces, é

⁸ Correspondência Hélio Alves Teixeira, 1999. In Profer/Carcerário. Museu Literário Profa. Amélia Barreto de Souza. Arquivo do Programa Letras de vida: escritas de si. Comitê Profer/UESB de Vitória da Conquista, BA.

⁹ Correspondência Hélio Alves Teixeira, 1998. In Profer/Carcerário. Museu Literário Profa. Amélia Barreto de Souza. Arquivo do Programa Letras de vida: escritas de si. Comitê Profer/UESB de Vitória da Conquista, BA.



puro e justificado. O castigo é, portanto, uma forma de isolar o inimigo transgressor do seu delito e a vingança é santificada em nome da justiça. Na vida social, o contato definitivo que acontece - quando não há nenhuma possibilidade de resistência presente ou futura - transforma-se na prisão.

As prisões, à semelhança dos espaços sitiados, reforçam os conceitos de que todas as pessoas são perigosas, representam perigo à ordem pública e precisam ser vigiadas e controladas. As restrições estabelecidas à liberdade refletem a crença na necessidade de se ter extremo cuidado com os perigosos efeitos que ela possa causar. Dessa maneira, todas as medidas cerceadoras e de coibição tornam-se lícitas, pois respaldam costumes e procedem das autoridades. Na comunidade prisional, prisioneiros e policiais são o próprio perigo, na pressuposta explosão de luta entre estes, e revelada em sua contraditória reciprocidade. Os olhos dos prisioneiros e dos que os têm sob guarda, como autoridades, veem em reflexos mútuos, o risco. Um é o inimigo do outro, par a par, mas também, formam um duplo indissociável. Há uma troca de saberes entre prisioneiros e guardas, hoje, em suas metamorfoses, vestidos de agentes penitenciários. São prisioneiros – o preso e o policial - com metas diferentes: um tem um único desejo – pular os muros ou poder rompê-los com a força do dinheiro que compra competências para defendê-lo – o outro está adaptado, satisfeito, daí provendo o seu sustento: “os muros lhe moldam a forma”. O agente, o policial - este com mais intensidade - incorpora a proibição e as ordens, e quando chegam aos pontos de conflito, parece trazer a “salvação”, o que estampa e reforça a importância do seu trabalho. Complexa relação a formar um conjunto cujos componentes “(polícia-prisão-delinquência) se apoiam um sobre os outros e formam um circuito que nunca é interrompido.” (FOUCAULT, 1989, p. 248)

Cada sociedade foi criando seu regime, sua política, seus discursos de verdade, mediante técnicas e procedimentos para fazer valer, graças às múltiplas coerções, às regulamentações de poder com seus enunciados verdadeiros e falsos. Uma visão confusa mistura e alterna papéis nas micro e macro instâncias de poder (in)visível que estabelecem portas de acesso ao mundo social ou de exclusão dele. Vive-se sob um estado de suspeição e de prevenção, a fim de tornar (in)visível aquilo que assusta, que incomoda, para a introjeção das separações, da impotência e pequenez do ser humano. Ao descrever o ato de espreitar, como um estado de tensão proveniente de certo tempo de observação sobre o que se considera hostil, fica evidenciado que esta percepção se incorpora na própria pele do observador levando-o a pressentir mais perigos “tornando-lhe o ser perseguido um tormento maior” (CANETTI, 1995, p.201). Quando a espreita redundando no agarrar do inimigo e toda a resistência parece inútil, emerge a prisão como uma boca devoradora e “para o prisioneiro a liberdade é todo o espaço para além dos dentes cerrados, que as paredes nuas de uma cela representam”. (Idem, 1995, p.208)

Conheci Rosieles Ramos Sales na Casa de Detenção em 1992, e o verbete que se pode escrever sobre esse néo-escritor em 2013 é uma nova folha corrida: Rosieles Ramos Sales nasceu em Santa Inês, Bahia, em 02 de



setembro de 1971 e faleceu em setembro de 1994. Filho de Rosalvo Pinheiro Sales e Carmosina Carneiro Ramos, aos quais o autor dedica toda a sua obra literária. Pedreiro, eletricista, agente de serviços gerais, surfista, escritor, poeta e autor de *Aldeia Gongo: minha tribo*, a ser publicado. Participou do Programa Proler/Carcerário no Presídio Regional de Vitória da Conquista, Bahia. O seu poema *A Prisão* foi publicado em espanhol, na revista DECISIO¹⁰.

Sales conheceu o insuportável, ao viver na prisão. Dizia não temer a vida nem a morte, não ter certezas e buscava no dia a dia, as rotas de fuga para toda opressão. Entre grades de ferro e paredes de cimento cavou com ações e palavras o caminho da libertação. Sales descreve a si mesmo:

07.01.94. Dizem que eu sou frio, monstruoso, dizem que sou um assassino sem sentimentos, uma escória para o mundo. Droga, ninguém fala isto do policial covarde, que bate na gente algemado, muito menos do Juiz, que não tá nem aí se eu tenho ou não família e uma profissão. Os desgraçados só querem saber do que falou o delegado. É, eles podem falar o que quiserem de mim, eu não tô nem me fodendo para estes burgueses idiotas. Estou de castigo por ter fugido da cadeia, mas não me preocupo com isto, como diz o ditado: seis meses de inverno e seis de verão. (SALES, 1994)¹¹

Sobre o corpo social foram se estabelecendo processos, divisas que marcam fronteiras entre as pessoas distribuídas espacialmente, classificadas, observadas e conhecidas. Como espaço de releitura a escrita de si encaminha o autor a transformações pessoais, percebidas numa visão mais comparativa aos modelos de vida estabelecidos pela sociedade e Foucault nos diz que o visível são os reflexos, as cintilações do que se vê e não se diz e do que se diz e não se vê. Da beleza e riqueza de seus escritos o poema *A prisão* provoca releituras sobre as modalidades de aprisionamento.

*A prisão! Que tem a prisão? Presos ou não?
Não, pois uma cela, jamais será uma prisão.
Então que são esses muros,
paredes, grades e portas de ferro?
Ué! são muros, paredes feitas de cimento,
grades e portas de ferro, feitos de ferro.
E isto é ou não uma prisão?
Ora bolas! Já falei que são apenas
uma construção e não uma prisão.
Existem homens que estão na prisão,
mas estão em todas as partes,*

¹⁰ SALES, Rosieles Ramos. *Dia de las madres*. DECISIO Saberes para la action em educacion de adultos. Revista cuatrimestral, enero-abril 2008. ISSN 1665-7446. Pátzcuaro, Michoacán, México. Version digital: <http://decisio.crefal.edu.mx>

¹¹ Escritos de Rosieles Ramos Sales, 1994. In Proler/Carcerário. Museu Literário Profa. Amélia Barreto de Souza. Arquivo do Programa Letras de vida: escritas de si. Comitê Proler/UESB de Vitória da Conquista, BA. Arquivo do Programa Letras de vida: escritas de si.



*dentro ou fora da construção.
Estão na prisão do espírito, na prisão do coração.
Esta é uma verdadeira prisão,
sem muros nem grades
e mais forte que qualquer construção,
pois não é feita pelo homem, e sim pelo coração.
A prisão de um espírito, a prisão da solidão,
solidão de um grão de areia,
em um deserto onde só existe areia.
Mesmo fazendo parte do todo,
não consegue livrar-se da prisão,
da prisão que não é de grades, de muros
e que tem a perfeição da prisão
feita pelo espírito, junto ao coração.
Pois os muros, as grades, como já falei
são apenas simples construção. (SALES, 1994)¹²*

Em 1995 conheci José Raimundo dos Santos no Presídio Regional Nilton Gonçalves. Entusiasmado com a repercussão do livro de Helio Teixeira, começou a escrever a sua história de vida, pois “ama a terra em que nasceu, o país em que vive e escolheu, como morada, a estrada do horizonte que leva e traz, nas voltas e combinações possíveis, inúmeras histórias” (CÂMARA, 2001, p. 240). Removido posteriormente para o Centro Penitenciário de Jequié, obteve a liberdade condicional a partir de 15 de maio de 2000, mas tendo reincidido em atividades delituosas, voltou à prisão. Foi libertado em 2005.

Em 2013 o verbete que se pode escrever sobre o néo-escritor José Raimundo dos Santos é uma nova folha corrida: José Raimundo dos Santos nasceu em Una, Bahia, em 05 de junho de 1948 e faleceu em 26 de fevereiro de 2010. Trabalhador rural, motorista, tratorista, eletricitista, escritor, cordelista, contador de histórias, palestrante, amigo do Proler e colaborador do Jornal de Condeúba, Bahia. É autor de “A Queda do Cacau, e o Silêncio do Porto” (memória); “O Volante é o meu troféu” (crônica); “Km 47: parada da solidão (vida de caminhoneiro)”, romance autobiográfico publicado em 2006. Participou do Programa Proler/Carcerário no Presídio Regional de V. da Conquista, Bahia. Um fragmento deste livro foi publicado em espanhol na revista DECISIO¹³.

José Raimundo dos Santos escreveu muitas cartas que eram corrigidas e depois reescritas. Os manuscritos eram cedidos ao Proler/Carcerário. Em suas cartas pode-se ler o valor que atribuía ao fato de participar de encontros culturais e acadêmicos e se sentir incluído em espaços considerados da elite política e intelectual. A carta encaminhada para a

¹² Escritos de Rosieles Ramos Sales, 1994. In Proler/Carcerário. Museu Literário Profa. Amélia Barreto de Souza. Arquivo do Programa Letras de vida: escritas de si. Comitê Proler/UESB de Vitória da Conquista, BA. Arquivo do Programa Letras de vida: escritas de si.

¹³ SANTOS, José Raimundo dos. Las delicias que cocinada mi madre. DECISIO Saberes para la acción en educación de adultos. Revista cuatrimestral, enero-abril 2008. ISSN 1665-7446. Pátzcuaro, Michoacán, México. Version digital: <http://decisio.crefal.edu.mx>



coordenadora da Comissão Especial de Assuntos da Família Infância e Juventude - CEFIJ estampa o prazer sentido pelo convite para do evento.

É com imenso respeito que venho por meio desta levar até a senhora os meus sinceros agradecimentos, por ter merecido de Vossa Excelência este crédito de confiança e ser convidado como palestrante para participar de um evento de fundamental importância como este que foi realizado na UESB de Vitória da Conquista. Eu fui o maior contemplado de todos os palestrantes, aos 50 anos de idade e faltando 543 dias para os 500 anos do Descobrimento do Brasil, data esta em que foi realizado o Seminário da CEFIJ. (...) Eu cruzei a maior fronteira da minha vida ao entrar, pela primeira vez, as portas de uma Universidade, o maior órgão de ensino de um país. Ali eu me senti um brasileiro de verdade por, naquele momento, estar representando milhares de outros brasileiros que não conseguiram obter essa mesma oportunidade que eu tive, graças à minha força de vontade e a compreensão de Vossa Excelência que se juntou à solidariedade humana e me estendeu esta grande caridade. E no final do seminário, ao receber o meu certificado de palestrante, que foi assinado por Vossa Excelência, nessa hora, eu agradei à Deus por mais esta vitória que me deu, e senti que na vida de um homem, tudo é possível, só depende ter força de vontade. Depois beijei o meu certificado, como fazem os vencedores ao cruzarem uma linha de chegada. Por ali eu cheguei e aquele certificado é o meu primeiro troféu. 20/11/98. (SANTOS, 1998)¹⁴

Os padrões sociais de valor, centrados nos que ocupam altos postos, sugerem que neles esteja contida a fórmula da vida em plenitude. Homens cultos, letrados, intelectuais, ricos, “bem nascidos”, vencedores, são “homens bons, de bem, inteligentes, e suas ações não correm riscos de se tornarem criminais, porque eles têm tudo, não precisam roubar, não precisam de nada. Andando um pouco fora dos valores prescritos, pode-se ver que a situação de violência que nos cerca, não está só nos crimes que levam os homens para os presídios. Inúmeros fatos violentos, como a precariedade do sistema da saúde pública, as políticas econômicas geradoras de miséria ficam diluídas, face à crença difundida de que a violência está situada na criminalidade, que por sua vez não é coletivizada, mas aponta um ou outro, para a imposição da pena-castigo. Karam afirma que a linha divisora entre os bons e os maus, fundamentada no maniqueísmo simplista, torna a culpa uma responsabilidade individualizada o que traz “uma sensação de inocência para todos os que escapam do processo e da condenação”. (KARAM, 1998, p. 72)

¹⁴ SANTOS, José Raimundo dos. Las delicias que cocinada mi madre. DECISIO Saberes para la acción en educación de adultos. Revista cuatrimestral, enero-abril 2008. ISSN 1665-7446. Pátzcuaro, Michoacán, México. Version digital: <http://decisio.crefal.edu.mx>

Eu sempre fui esforçado no trabalho e fiz dele o meu maior divertimento porque vivi a maior parte da minha vida nas estradas. Hoje eu não posso esconder a minha tristeza, mas mesmo diante de tanto sofrimento, eu não perdi as esperanças de um dia poder vencer. E isso eu pude sentir ao chegar no auditório da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. (SANTOS, 1998)¹⁵

Esta cronologia esdrúxula no texto parece apontar um único e imutável tempo das prisões, mas as releituras se impõem sobre a genealogia das transgressões e punições. A situação do homem, percebido como inimigo-revelado cujos atos são considerados perniciosos ao convívio social, implicando punição e segregação, constitui um problema, cujas soluções adotadas geram novos problemas. A figura desse transgressor reveste-se de conceitos estigmatizantes de representação daquele que vive com o mal e seus pronunciamentos parecem ter sentido, apenas, em situações de inquéritos para esmiuçar sua criminalidade. É visto como erva daninha que precisa ser expurgada, por sugerir ameaças à ordem estabelecida. Fazer sofrer tornou-se uma reparação em quase todas as culturas: tudo pode ser pago com o castigo, que com o passar do tempo adquire novas máscaras. O conjunto de juízos e normas sobre os criminosos ganhou forma de verdades e se legitimou pelo direito penal, onde não há interesse pelo "homem conhecível, enquanto alma, individualidade e consciência, ao se pretender a universalidade do normativo" (FOUCAULT, 1989, p.267). O crime, enquanto criação do direito jurídico, superpõe-se ao acontecimento e universaliza a punição. O conceito de "normalidade" não cabe na vida do prisioneiro e deixa transparecer que o seu tempo existencial seja, unicamente, o do delito, sem passado ou futuro, como homem que perde o seu "paraíso" do viver "livre" no mundo das normas e prestígios sociais.

A "escrita de si" e a autobiografia, tomadas como atos de criação brotados das experiências e escolhas pessoais e como modos possíveis de reconstrução de vida, evidenciam que as transgressões aos acontecimentos sejam passíveis de intenções de mudanças, percebidas nas recolhidas de coisas ditas, de coisas vistas e, cuidadosamente, escolhidas para a escritura. Vale lembrar que não são frequentes as histórias de alfabetização que inserem em suas práticas metodológicas os textos escritos por pessoas cujo caminho de aprendizagem foi aberto a foice e a enxada. O escrito do autodidata costuma vigorar como surpresa, curiosidade, texto menor, por aqueles que puderam estudar.

A minha experiência de trabalho com incentivo à leitura e escrita em presídios, com uma população de adultos, me fez constatar ao longo do tempo, que os textos autobiográficos, as histórias de vida – escritas de si – interessavam mais os néo-leitores, pelas analogias que são estabelecidas com

¹⁵ Correspondência José Raimundo dos Santos, 1998. In Proler/Carcerário. Museu Literário Profa. Amélia Barreto de Souza. Arquivo do Programa Letras de vida: escritas de si. Comitê Proler/UESB de Vitória da Conquista, BA.



as histórias pessoais. Escrever e contar a própria história sugere mais uma classificação, mais uma qualificação, mas reconforta pensar que agir e expressar o que é de nós mesmos, é o que deve importar, pois, constantemente, estamos trocando os nossos esforços por dinheiro, prestígio, poder e outros misteriosos, tormentosos e passageiros prazeres. Ouvir as vozes interiores, registrá-las e partilhar com o outro é poder saber, é dar-se conta de si mesmo como um indivíduo ativo e criador. A escrita de si como espaço de releitura, encaminha o autor a manifestar em seu texto uma visão mais crítica aos modelos de vida estabelecidos pela sociedade.

Algumas imagens, lembranças e vivências foram se somando a outras e as preocupações estão centradas nos pastores de rebanhos terrenos, as autoridades políticas, judiciárias, militares, religiosas, intelectuais, científicas e os comandantes do dinheiro que mandam e desmandam, que ditam normas, e justificam propósitos pela posse provisória de palavras-poderes, que os qualificam. Nas prisões, não se encontram os que os combatem e, sim, muitos pobres em quem o exercício dos saberes todos se junta para a aplicação de medidas-castigo. Também se encontram os que desejam disputar o usufruto dos mesmos poderes que o dinheiro vem conferindo. Cada vez mais é possível encontrar pessoas que vendem competências

A corrupção se tornou um nome popular, reconhecido, mas não perigoso. Então com esta ideia de que a corrupção é café pequeno, ou coisa de gente grande, alguns meteram a mão, e ainda metem, porque para estes, não há punição. Mesmo que alguém seja punido, não fica por muito tempo na prisão, porque é favorecido pelos artigos que foram criados no código penal brasileiro. Digo isto porque tenho visto muitos casos por aí de juízes que se envolvem com o crime. Além dos juízes, promotores de justiça, advogados, delegados, policiais e empresários. E quando os mesmos são descobertos, são tratados como celebridades, como se nada de anormal tivesse acontecendo. (...) (TEIXEIRA, 1999)¹⁶

Sabe-se que a crença inabalável em juízos, leva à inclusão de juízos falsos. As autoridades religiosas, políticas, educacionais e culturais apresentam certo entorpecimento quanto a admitirem a incerteza, e é sempre importante lembrar que certeza imediata, conhecimento absoluto, e coisa em si encerram contradições. O olhar que se estende sobre os acontecimentos pode cobrir, embaçar, deformar, confundir, desvelar, desnudar, e outras coisas mais. Ao pensar que as aparências sugerem o fundamento da vida, deve-se ter presente nas conclusões, o caráter do erro e outras possibilidades que o devir pode conter.

Quando se conhece a história das pessoas que nos cercam e se confronta a diferença de oportunidades que a vida/sociedade estabelece não

¹⁶ Correspondência Hélio Alves Teixeira, 1999. In Proler/Carcerário. Museu Literário Profa. Amélia Barreto de Souza. Arquivo do Programa Letras de vida: escritas de si. Comitê Proler/UESB de Vitória da Conquista, BA.



conseguimos lavar as mãos na indiferença, e desejamos andar mais uma milha. Entre os homens *sem nome, conhecidos* por alcunhas e números de artigos do Código Penal Brasileiro, uma visibilidade diferenciada e positiva se estabelece pela carga significativa de valoração do ato de escrever. Vale a pena reler o comentário de Santos que, entre lembranças da vastidão das estradas que percorreu, escreve no pequeno espaço de sua cela sobre políticas públicas de educação em presídios:

Abrir caminhos para todos os programas como estes, pois é uma forma de diminuir o estigma social e devolver o direito de cidadania, para aqueles que o perderam e estão lutando, com todas as forças, para readquirir o que se tem de mais precioso nesta vida: o nome. (SANTOS, 1996)

Referências

CÂMARA, Heleusa Figueira. **Além dos muros e das grades**: discursos prisionais. Série Hipóteses. São Paulo, (SP): Editora EDUC PUC/SP, 2001.

CANETTI, Elias. **Massa e poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1989.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996a.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1996b.

KARAM, Maria Lúcia. Utopia Transformadora e Abolição do Sistema Penal. In: PASSETTI, Edson e DIAS da SILVA, Roberto. (Orgs.). **Conversações abolicionistas**: uma crítica do sistema penal e da sociedade punitiva. São Paulo: Publicação do IBCCrim - PEPG Ciências Sociais PUC/SP, 1997.

SANTOS, José Raimundo dos. **Km 47 Parada da solidão**: vida de caminhoneiro. Organização Heleusa Câmara. Vitória da Conquista, Bahia: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Gráfica da UESB 2006.

TEIXEIRA, Hélio Alves. **Ventaneira**: uma história sem fim. Rio de Janeiro: Gráfica da UERJ, 1997.

Enviado em: 13/01/2013 Aceito em: 02/05/2013
